

## INVESTIGAÇÃO DA INCLUSÃO DE QUESTÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE QUÍMICA

Ana Patricia Farias Borges <sup>1</sup>

Paulo Alves Xavier da Silva <sup>2</sup>

Maria do Socorro Tavares Cavalcante <sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

O conceito de gênero que se conhece hoje, visto como uma ferramenta política, foi criado para que houvesse uma distinção entre gênero e sexo, sendo sexo visto como a genitália de cada pessoa e gênero uma identidade cultural que rejeita o determinismo biológico (LOURO, 1997). A criação do conceito de gênero é recente se comparado ao conceito de identidade, por isso ainda existe o pouco conhecimento de como esses dois se relacionam e as diferentes nuances existentes.

Segundo Vasconcelos (2018), mesmo que o debate sobre diversidade sexual e de gênero tenha aumentado ao longo dos anos, o número de casos de evasão devido a transfobia também aumenta, cabe ao professor a mobilização em sala de aula para que a transfobia deixe de acontecer e essa base de conhecimento deve ser adquirida durante a sua formação, pois a pouca difusão de informações acerca desse tema faz com que pessoas transgênero continuem sendo colocadas à margem da sociedade e tenham pouco acesso ao ambiente escolar.

Esse trabalho tem como objetivo então conceituar os níveis de conhecimento dos alunos de Licenciatura em Química do IF-Sertão acerca da diversidade de gênero. Para isso foi apresentado um documentário que aborda gênero e transexualidade e em seguida houve a aplicação de um questionário adaptado, que foi analisado de forma qualitativa a partir das informações apresentadas no referencial teórico.

Os resultados mostram que os alunos vêem a importância da inclusão do debate sobre gênero e pessoas transgênero em sala de aula, assim como também da realização de projetos dentro da escola que envolvam os alunos com o tema. Porém tais alunos não esperam, durante a sua formação, que hajam momentos no curso de licenciatura destinados ao debate e aprofundamento de tais temas. Foi observado também que muitos dos conhecimentos apontados pelo alunos questionados são conhecimentos de senso comum e muitas vezes com teor transfóbico, mostrando mais uma vez a necessidade do abordagem do tema durante a sua formação, para que tais ideias não sejam passada para o futuros alunos, contribuindo mais para a transfobia em sala de aula.

Mostra-se fundamental, então, a preocupação da instituição acerca do debate de gênero e transexualidade com os alunos que estudam, pois há o interesse destes para aprender mais sobre o tema e passar tais informações adiante de forma correta, para que os futuros alunos também possam contribuir para um ambiente seguro em sala de aula para alunos de todos os gêneros.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano – IF Sertão, Campus Petrolina, anapatriciaborges9@outlook.com;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano – IF Sertão, Campus Petrolina, paulxavier2012@gmail.com

<sup>3</sup> Professora orientadora: Mestre em Psicologia, Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano – IF Sertão, Campus Petrolina, msocorrotc2010@gmail.com

## METODOLOGIA

Este estudo consiste de uma análise quantitativa para obter dados que expressassem o conhecimento de diversidade de gênero pelos licenciandos de química do IF Sertão – PE, campus Petrolina, pois como relata Walner (2017) a ideia da pesquisa correlacional é verificar a existência de alguma relação estatística entre poucas variáveis em um grande conjunto de dados. No caso mais comum, busca-se uma correlação significativa entre duas variáveis. Com isso, a pesquisa se iniciou com leitura exploratória de artigos encontrados nas plataformas do Scientific Electronic Library Online (SCIELLO) e Google Acadêmico, em seguida, foi elaborado um questionário de caráter quantitativo e com respostas fechadas e objetivas que buscou desvendar o nível de conhecimento dos licenciandos com a finalidade de se obter as estatísticas e quantificar as respostas, entretanto, questões com muitas opções de respostas ou que cujas alternativas poderiam influenciar na respostas foram colocadas de maneira abertas, porém os dados também foram analisados de maneira qualitativa.

Dessa forma o questionário foi aplicado com alunos do primeiro período do curso Licenciatura em Química da instituição, turma ingressante em 2019.1, com faixa etária entre 18 e 22 anos, sendo uma turma mista (composta por homens e mulheres). Ao todo foram abordados para esse estudo 8 alunos. Foi exposto a turma a proposta da pesquisa, logo em seguida disponibilizou-se horários em que os alunos puderam escolher de acordo com a sua disponibilidade e agendar para responder as perguntas. Vale destacar que alguns alunos optaram por não participar da pesquisa, em sua maioria por falta de tempo.

Antes da aplicação do questionário, no entanto, houve a exposição de um documentário por Santos (2016) acerca da realidade de quem vivencia um gênero que não se encaixa na cisgeneridade. Reservou-se uma sala específica para execução, assim os alunos tiveram acesso a uma sala com computadores, onde foi exibido um documentário intitulado de “Transgênero”, com duração de 16 minutos e 27 segundos, os participantes foram instruídos a levar canetas e fones de ouvidos, para responder o questionário e ter acesso ao vídeo. Os horários foram articulados para que os licenciandos não se encontrassem em nenhuma atividade acadêmica, a fim de não comprometer outros afazeres e nem influenciar na atenção dada ao tema. Com o as questões abordadas pelo documentário promoveram-se uma reflexão e disponibilizou informações necessárias para os licenciandos lidarem de forma adequada com a diversidade de gênero não apenas em sala de aula, mas também exercendo cidadania e respeito em todos os ambientes, além de efetivar propriedades para se responder o questionário aplicado logo em seguida.

Com o questionário iniciou-se com uma abordagem direta sobre o conhecimento de identidade de gênero dos entrevistados e trouxe questões de designação correta dos termos de gênero além de aspectos da transfobia, o participante tem duas opções de resposta que na maioria das perguntas versa entre negativo e positivo, para algumas questões foi disponibilizado um espaço para o aluno dissertar sobre seu ponto de vista como já foi pontuado, além de conter algumas perguntas com cinco respostas, onde o participante escolhia apenas uma. O questionário utilizado foi adaptado de Rizzato (2013), pois a pesquisadora dá ênfase nos aspectos da pluralidade sexual dos indivíduos, enquanto que para esse estudo propõe-se apenas uma reflexão acerca da diversidade de gênero.

## DESENVOLVIMENTO

O conceito de gênero tem um forte vínculo e abertura com o movimento feminista contemporâneo, se faz fragmento do movimento e é expressado através dos discursos políticos e de suas lutas. Deste modo, na consolidação da “segunda onda” do feminismo, onde

o movimento propõe uma reflexão sobre posicionamentos sociais enraizados na sociedade, surge a preocupação e o debate sobre o conceito de gênero. (LOURO, 1997).

A sociedade designa de forma arbitrária o gênero das pessoas no nascimento ou até mesmo antes disso, com o avanço da ultrassonografia, de acordo com qual genital cada pessoa possui. A partir disso o gênero é construído culturalmente ao longo da vida e pode ser desconstruído subjetivamente, onde pessoas designadas homem ao nascer aprendem que devem possuir um comportamento “masculino” e pessoas designadas mulheres ao nascer devem possuir um comportamento “feminino”. Essas influências sociais não são claramente visíveis e por isso comumente justificam-se esses comportamentos com fatores biológicos inerentes do ser humano. Porém, mesmo o que é considerado masculino e feminino é inconstante e depende da cultura do local onde a pessoa nasceu, características consideradas masculinas em um país ou grupo étnico podem ser consideradas femininas em outro. (JESUS, 2012).

Deve-se ressaltar que sexo, como sinônimo de genitais, é biológico, gênero é social e independente do conceito de sexo, ou seja, é construído pelas diferentes culturas e tempos históricos. Gênero se simplifica pela autopercepção a partir de seu corpo e a maneira como o indivíduo se expressa e se insere na sociedade, não tendo necessariamente um vínculo com quais cromossomos sexuais que esse ser produz. Um ponto bastante fundamental é a diferença entre sexualidade e identidade de gênero, pois é errôneo definir um pelo outro. Orientação sexual se refere à atração sexual por um ou mais gêneros. Com isso, uma pessoa transgênero pode ser bissexual, heterossexual ou homossexual, dependendo do gênero que adota e do gênero com relação ao qual se atrai sexualmente. É, portanto, errado pensar que todas as pessoas transgênero são homossexuais, embora pertençam ao mesmo grupo político, o de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros – LGBTQ+. A homossexualidade é o ato de se atrair pelo mesmo gênero enquanto que a bissexualidade é o ato de se atrair por pessoas de qualquer gênero, o que não se relaciona com sua identidade de gênero. (JESUS, 2012).

Para se entender com clareza o que significa de fato ser uma pessoa transgênero, é importante entender que, de forma bem simplificada, todos diversos gêneros podem ser enquadrados entre cisgênero e transgênero. Jesus (2012) aponta que a cisgeneridade é a condição de se identificar com o gênero que lhe foi designado desde o nascimento, se fundamentando sobretudo no genital, por outro lado, há uma certa parcela da sociedade que não é assim, pois gênero, por ser uma construção cultural, é algo que tem a capacidade de transcender os padrões biológicos simplórios adotados para reconhecer um gênero. Dessa forma, surge a pessoa “trans”, ou pessoa transgênero, que são não-cisgênero, ou seja, não se identificam com o gênero que lhes foi determinado ao nascer. Um bom exemplo disso são as travestis, e das transexuais, que são tratadas, coletivamente, como membro do grupo de pessoas transgênero, sendo travesti uma denominação exclusiva da América Latina para pessoas com uma identidade de gênero feminina que foram designadas homem ao nascer.

A não-binariedade é não ser parte de especificamente um dos gêneros binários, portanto uma pessoa não binária pode ser de alguns dos gêneros, mas não totalmente, sendo um homem não-binário ou mulher não-binária, assim como pode não ser parte de nenhum dos gêneros, como uma pessoa agênero, ou ser dos dois gêneros, como uma pessoa bigênero. O termo “não-binário” é um termo guarda-chuva, ou seja, engloba diversas identidades de gênero que fogem ao binarismo homem/mulher.

Como mostra Becattini (2017) embora haja na sociedade atualmente uma ideia binária de gênero, existem diversas culturas ao redor do mundo que reconhecem mais de dois gêneros, como os Quariwarmi, pessoas no Império Inca cujo gênero abrangia o masculino e o feminino. Os Bugi, grupo étnico da Indonésia, reconhecem cinco gêneros, sendo um deles, Bissu, definido como a união do masculino e do feminino, se assemelhando à não-binariedade.

Junqueira (2010) aponta a necessidade da escola de ser um ambiente livre de preconceitos e que elimina quaisquer hierarquias opressivas, pois o ambiente escolar deve ser um espaço seguro e responsável por uma formação para a vida. A escola, no entanto, geralmente falha nesse dever e se torna responsável pela criação de um ambiente rodeado de preconceitos criados a partir de discursos heteronormativos e da transmissão de normas de gênero, ou seja, que enfatizam a heterossexualidade como única orientação sexual possível e o gênero determinado ao nascimento como o único gênero possível, tais comportamentos se apresentam em diversas áreas do âmbito escolar.

Em contrapartida às formas de LGBTfobia na escola feitas a partir de violência verbal e física, há também o preconceito partindo do silenciamento: Alunos com identidades de gênero e orientações sexuais que diferem do padrão heterossexual e cisgênero se sentem forçados a não comentar sobre o assunto com as pessoas ao seu redor, para evitar sofrer preconceito direto, porém o silenciamento também é uma forma de violência contra esses alunos. (DINIS, 2011). desenvolvimento da pesquisa contém a síntese bibliográfica, principais discussões teóricas e a trajetória da mesma ao longo do recorte estudado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando perguntados se, durante a formação, em algum momento eles haviam sido orientados a lidar com questões relativas à pessoas transgênero, transexuais ou travestis, todos os participantes responderam que não. Esse fato pode ser explicado, principalmente, considerando que o questionário foi aplicado com alunos do primeiro semestre do curso, que haviam ingressado há poucos meses no instituto, entretanto, com a realização da pesquisa já próxima ao fim desse semestre, é possível perceber também que não houve, nessa introdução do aluno ao curso, nenhum momento específico voltado para o debate sobre questões voltadas para gênero e transgeneridade, mesmo que se note que há, ao longo do curso e desde o seu princípio, a busca por debates em sala de aula a respeito de temas que contribuam para a formação de professores com preparo e olhar crítico para diversas questões relacionadas à inclusão em sala de aula.

Entretanto, numa questão aberta relacionada à pergunta anterior, quando perguntados se, caso houvessem tido esse contato durante a formação, como ele havia ocorrido, alguns alunos, mesmo respondendo não ter tal contato no curso, complementaram falando que esse contato havia ocorrido em outros momentos da vida, como a partir de pesquisas e conversas com pessoas transgênero e a partir de uma criação onde os pais afirmaram a importância de tratar bem cada pessoa independente de sua orientação de gênero. Vê-se então que, mesmo com a ausência de contato com tais questões no início do curso, os alunos conseguem encontrar outras formas de entender sobre o assunto, porém fora do ambiente de sala de aula voltado para sua formação enquanto professores, os alunos acabam então buscando conhecimentos sobre tais assuntos sem relacioná-los diretamente ao ambiente escolar e sem imaginar como usá-los no futuro para instruir seus alunos a respeito de questões relacionadas a gênero de uma forma livre de preconceitos.

Na questão seguinte, quando questionados se esperavam ser orientados ao longo do curso sobre tais questões, alguns alunos responderam que sim (37,5%), mas a maioria (62,5%) continuou acreditando que não haveria essa orientação a respeito de pessoas transgênero, transexuais e travestis ao longo do curso. Essa falta de instrução por parte dos professores pode levar ao que Dinis (2011) destaca como preconceito em forma de silenciamento: o aluno que experiencia uma identidade de gênero fora do padrão cisgênero não consegue encontrar em sala de aula um reforço positivo que incentive a sua descoberta e/ou aceitação, pois o professor, por não se sentir apto a abordar tais assuntos, acaba impedindo esse diálogo em sala de aula e prejudicando ambas as partes: dos alunos cisgênero

que poderia ser aliados na causa transgênero e dos alunos transgênero que não terão a oportunidade de se sentir tão confortáveis com sua identidade de gênero quanto poderiam.

A maioria dos alunos (87,5%) demonstraram esperar lidar com questões relacionadas a gênero e/ou transgeneridade/transsexualidade em sala de aula, enquanto apenas 12,5% demonstram não esperar, segundo Vasconcelos (2018) o debate sobre tais temas vem aumentando em sala de aula ao longo dos anos porém ainda existe o aumento da transfobia em sala que pode levar à evasão de alunos transgênero, o papel do professor, nesse sentido, é despertar em sala de aula a empatia dos alunos para que haja o melhor convívio em sala com as diferenças de gênero, dentre os entrevistados é possível ver que se espera que tais temas sejam abordados em sala, porém com a falta de preparo ao longo do curso a abordagem desse tema pode ser levada para um caminho rodeado de preconceitos, que não era o que o professor esperava inicialmente.

Essa falta de preparo é apontada nas perguntas seguintes quando, perguntados qual resposta daria numa situação que levasse o aluno a perguntar “professor(a), transgênero, afinal, o que é?”, maioria (62,5%) marcou que é uma questão de opção, uma escolha como qualquer outra, mostrando que ainda veem a transgeneridade como algo que é escolhido, e o normal é ser cisgênero, e quando pedido para descrever o que é transgeneridade/transsexualidade, mesmo que a alternativa mais escolhida (37,5%) foi a que a define como genética, alguns dos entrevistados (25%) marcaram que é uma escolha, e a pessoa opta por ser transgênero, transexual ou travesti e 12,5% que escolheram dar outra resposta por escrito também comentaram que seria uma escolha, entretanto, segundo Jesus (2012), gênero e padrões de gênero são construções culturais e a quebra desses padrões ocorre de maneira natural, pois nem todas as pessoas se sentem confortáveis com algo imposto a elas.

Com relação ao envolvimento direto da escola com o tema, não somente da abordagem em sala de aula, os entrevistados se mostraram bastante favoráveis, ao serem questionados se acreditavam que a escola deve realizar trabalhos relacionados ao tema, nenhum deles se mostrou diretamente contra isso: 87,5% dos alunos responderam achar a realização desses trabalhos necessária e 12,5% se mostraram em dúvida e não souberam responder, os alunos que se mostraram a favor foram instigados a dar sua justificativa para isso e, dentre as justificativas, foi apontado a importância do combate ao preconceito a partir de tais trabalhos a partir da quebra de tabus, além de reforçar o respeito por pessoas que fogem da cisgeneridade atrás do maior conhecimento de suas vivências e causas, para que, com a desmistificação do assunto na escola, os alunos transgênero se sintam mais livres para se expressarem da maneira que se sentirem melhores.

Os entrevistados também, em sua maioria (75%) se mostraram dispostos a participar de um trabalho como este, enquanto apenas 25% não soube responder e nenhum se mostrou completamente indisposto a participar, é possível perceber, então, que mesmo com a pouca abordagem do tema no curso, os alunos ainda sentem vontade de compreender sobre o assunto e de se responsabilizarem por passar informações adiante para seus futuros alunos e ajudar no combate ao preconceito.

No final do questionário os entrevistados tiveram a liberdade de acrescentar qualquer comentário sobre o tema que achassem importante, os comentários feitos reforçam as opiniões a respeito do tema e sobre a importância do combate ao preconceito, as falas feitas comentam, por exemplo, sobre o direito que as pessoas possuem de se sentir bem do jeito que são, independente dos comentários de outras pessoas que podem vir acompanhados de preconceitos, com relação ao preconceito também foi comentado a importância da abordagem do tema em sala de aula pois, mesmo que o mundo tenha avançado e continue avançando, o preconceito ainda é um problema presente na sociedade e que precisa ser combatido, pois a falta de informação pode levar ao aumento desse preconceito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que embora haja o grande interesse dos alunos em relação ao tema, tais alunos possuem pouca esperança de participarem de aulas inclusivas com foco em gênero e transgeneridade. É possível perceber também que tais alunos esperam, enquanto professores, serem responsáveis por instruir seus futuros alunos e levá-los a ter uma visão livre de preconceitos a respeito de pessoas transgênero, porém, sem o debate correto a respeito do tema pode haver, pelo contrário, a transmissão de conceitos transfóbicos em sala de aula que levam à um ciclo de preconceitos. Há a necessidade então de maior debate sobre o tema durante a formação e maiores pesquisas na área científica que abracem a vivência de pessoas transgênero nos diferentes níveis de educação, como forma de contribuir para o aumento de sua inclusão e a diminuição do preconceito no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Ensino inclusivo, inserção social, educação, transgeneridade, diversidade de gênero.

## REFERÊNCIAS

- BECATTINI, Natália. **7 culturas com identidades de gênero não-binárias**. 360meridianos. Disponível em: <<https://www.360meridianos.com/especial/culturas-identidades-de-genero-nao-binarias>>. Acesso em: 30 de maio de 2018.
- DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, [S.l.], v. 27, n. 39, p. p. 39-50, abr. 2011. ISSN 1984-0411. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/21410>>. Acesso em: 27 mai. 2019.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed. Brasília: [s.n.], 2012.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. **Revista Espaço do Currículo**, v. 2, n. 2, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- RIZZATO, Liane Kelen. **Percepções de professores/as sobre gênero, sexualidade e homofobia: pensando a formação continuada a partir de relatos da prática docente**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.48.2013.tde-23102013-112910. Acesso em: 2019-05-30.
- SANTOS, Natalia D. **Transgênero – Documentário**. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NA4BweFbyps>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.
- VASCONCELOS, Fábio Roberto da Silva. **Evasão escolar de alunas travestis e transexuais**. FURG, 2018. Disponível em: <<https://7seminario.furg.br/images/arquivo/250.pdf>>. Acesso em: 25 de maio de 2018.
- WAINER, Jacques et al. **Métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa para a Ciência da Computação**. Atualização em informática, v. 1, p. 221-262, 2007.